

Entrevista: José Craveirinha¹

Omar Ribeiro Thomazⁱ
Rita Chavesⁱⁱ
Cris Bierrembach

P.: Em alguns depoimentos seus, observamos muitas referências ao Brasil. Antes mesmo de começarmos esta entrevista, o senhor, ainda que em tom de brincadeira, disse que devia ter nascido no Brasil. Gostaríamos de entender um pouco dessa importância do Brasil na sua vida .

R.: O Brasil teve uma influência muito grande na população suburbana daqui. Uma influência que ia desde o futebol. Posso dizer até que eu joguei bola com jogadores brasileiros, por exemplo, o Fausto e o inventor da bicicleta. Vocês sabem quem foi?

P.: O Leônidas da Silva?

R.: Exatamente. Quer dizer que é tão brasileira quanto eu. Mas conhecíamos outras coisas do Brasil. Recebíamos as revistas **O Cruzeiro** e, mais tarde, a **Manchete**, e as reportagens ajudavam a imaginar como era a vida no Brasil. Aqui, a cidade que se chamava Lourenço Marques, naquela época, era dividida. Até aqui, era a cidade de cimento, daqui para ali, era a cidade de caniço, com hábitos completamente diferentes. A população dali era sem recursos, mais pobre, iam à cidade de cimento trabalhar e voltavam. Nessa vida simples, havia muitas festas, casamentos e, sempre, futebol. Tenho um amigo que era mais conhecido como Brandão, o nome de um futebolista brasileiro, do que pelo próprio nome dele. Surgiu por aqui uma revista em que aparecia o Brandão e ele ficou Brandão. Era assim que o chamavam, até as pessoas da família.

P.: Além do futebol, havia outros aspectos do Brasil que eram conhecidos aqui .

R.: Também na área da literatura. Na escola, éramos obrigados a passar por um João de Deus, Dom Dinis etc., os clássicos de lá. Mas chegava uma certa altura em que nos libertávamos e então enveredávamos para uma literatura “errada”: Graciliano Ramos e por aí afora. Tínhamos nossas preferências e, na nossa escolha, pendíamos desde o Alencar... A nossa literatura tinha reflexos da literatura brasileira. Então, quando chegou o Jorge Amado, estávamos em casa. Jorge Amado nos marcou muito porque aquela maneira de expor as histórias fazia pensar em muitas situações que existiam aqui. Ele tinha aqui um público. Tenho um episódio na lembrança que mostra a importância dele para a nossa história. Havia a polícia política, a PIDE, que, uma vez, fez uma invasão aqui em casa. Puseram-se a revistar tudo, levando o que queriam levar. Tenho aquilo gravado na memória. Levaram uma mala, carregaram os livros, meus livros. Levaram os livros e a mala, até hoje, como reféns políticos. Depois de irem embora, minha mulher disse: “Onde é que estava o Jorge Amado? Viste o Jorge Amado que eles queriam?”. Naquela altura já estavam atrás do Jorge Amado...

P.: Que outras marcas do Brasil chegavam aqui?

R.: Muita coisa. Na cidade de caniço, na periferia, fazíamos uma coisa que não era bem uma festa. Eram serenatas. Tocava-se viola, cantava-se. Músicas do Brasil. Diziam: “Onde é que vocês aprenderam?”. A gente aprendia e cantava músicas de lá e era completamente diferente do resto da cidade. Havia pessoas, incluindo brancos, que preferiam brincar deste lado. E é por isso que eu digo que era mais brasileiro, sentíamos mais as coisas brasileiras do que as portuguesas, principalmente na literatura. Os poetas todos...

P.: Há um momento na sua vida que se passa do lado de lá, quando o senhor era criança e vai morar na cidade de cimento, na Avenida Vinte e Quatro de Julho .

R.: Era um inocente, não tinha poder de escolha.

P.: Foi nessa fase que desaprendeu o ronga e teve que aprender o português.

R.: Sim, tinha que falar português e a minha madrasta não admitia que falássemos na nossa língua africana. Até mesmo os empregados domésticos estavam proibidos de falar conosco em ronga. Eu procurava falar as duas línguas. Hoje ainda percebo perfeitamente. Falo o que for preciso falar, mas não correntemente. E eu sinto isso como uma perda, como se fosse aleijado, se me faltasse um braço, uma perna. Mas sinto também que comigo não acontece como com muitos outros, outros mulatos que nem uma palavra sequer sabem falar. De fato havia uma proibição, mas as pessoas reagiam de formas diferentes. Meu irmão falava menos que eu, porque aceitou a proibição. Eu não aceitei e quando me apanhava lá fora ia brincar com outras pessoas que falavam a língua. Eu reconheço que em minha casa, ao lado da proibição, havia uma contemporização e eu me aproveitava da situação. Por isso ainda falo, se for preciso, mas já não corretamente. Devíamos ser bilíngües, mas os portugueses não aceitavam isso.

P.: Mais tarde, o senhor regressa a esse espaço ...

R.: Tivemos uma fase em que estávamos com a nossa mãe. Entretanto, meu pai manda vir a esposa que estava em Portugal. Quando chega, ela, então, impõe: “Onde estão os meninos?” “Eles estão com mãe”. Ela diz: “Por quê?”.

Ela não havia concebido, não havia filhos do casal. E diz: “Mande trazer os miúdos para aqui; os seus filhos são meus também”. E, então, lá fomos... Minha mãe ia, geralmente todo fim do mês, receber um tanto em dinheiro, mais o que precisasse, em termos, sabonete, capulanas e coisas assim... Tenho gravado como se fosse ontem, e não sou assim tão velho... Consta que estou quase com 76. Lembro perfeitamente das visitas lá de casa. Minha madrasta era médica parteira, então as visitas lá de casa eram desse nível, pessoas gradadas, médicos... E quando minha madrasta se apercebia que estava lá a minha mãe, ela mandava-a entrar: “Por que ficou lá fora?”. Então ela apresentava minha mãe às suas visitas dessa maneira: “Olha que linda a mãe dos meus filhos”. Estava lá ela, coitada, lembro do seu acanhamento perante aquelas pessoas, ela contra- feita, coitada; me lembro disso como se fosse ontem, ficou gravado.

E minha madrasta enchia-a de mimos. Lembro quando apareceram a dizer que ela estava muito mal e lá nos levaram para o lugar onde ela estava. Estava deitada em uma esteira, chegamos ao pé dela e não lhe disseram o meu nome José. Eu, por ter nascido num domingo, era conhecido daquele lado por “Sontinho”. O que eles disseram foi: “O Sontinho está aqui”. Então, lembro tão bem, ela abriu os olhos e fez um meio sorriso e fechou os olhos para sempre. Toda gente ficou espantada porque ela havia estado dias já assim; era a espera mesmo que a mantinha. Ela olhou para mim a sorrir-se, fechou os olhos e faleceu.

A partir daí, foi uma vida mais para esse lado. Até minha madrasta falecer. Ela faleceu porque precisou ser operada e meu pai tinha ido a Portugal também para tratar da saúde. A operação era simples. A enfermeira que estava de vela estava no quarto ao lado, que devia estar vazio, mas estava preenchido por ela e um namorado. E, portanto, é natural que esquecessem que ela estava de vela.... Minha madrasta teve sede, quis pegar um copo, desequilibrou-se e caiu. Houve hemorragia e só foram encontrá-la de manhã...

P.: Isso provocaria outra mudança.

R.: A partir daí, passamos a viver todos juntos, pai, tios, primos. Lembro que foi uma fase interessante, porque não sabia de onde era, se era branco, preto, mulato. Os meus primos eram brancos, filhos do irmão do meu pai. Quando o meu pai morreu, ficamos a viver com ele; não nos deu um pontapé, continuamos a viver com os filhos dele, os filhos e a mulher, a minha tia, que era uma santa senhora.

P.: Todas essas mudanças geraram um grande afastamento do universo ligado à família de sua mãe.

R.: Com a família de minha mãe nunca houve um corte absoluto. A minha avó manteve sempre a ligação. De vez em quando aparecia ela com as latas à cabeça. Vocês já viram como conseguem equilibrar à cabeça aqui coisas nunca vistas? Está a se perder esse hábito... Ela, então, lá trazia coisas, castanhas de caju, uma série de coisas, mandioca, que veio do Brasil e depois implantou-se aqui. E não foi só a mandioca. Isso aconteceu com muitas coisas. De tal maneira que nós chegamos a ser o maior coqueiral do mundo, e qualquer dia voltamos a ser. Mas o coco veio do Brasil e foram os portugueses que trouxeram do Brasil e, com a cumplicidade dos macacos, os coqueiros estão espalhados por aí... Os portugueses fizeram um tipo de colonização muito especial, sempre ao longo da costa. Eles iam até a praia. Então os macacos apanhavam os cocos e fugiam para o mato e iam distribuindo. Então apareceram os coqueirais que nunca tinham visto um português! O colonizador ali era o macaco. Os macacos faziam melhor esse trabalho. E nunca fizeram greve... Tinham um alto sentido do trabalho.

P.: E traçaram pontes com o Brasil ...

R.: Sim, há uma série de coisas que eram do Brasil e temos aqui implantadas. A perabacate, que vocês chamam só de abacate. Temos aqui bastante. Não sei se o amendoim também...

P.: O amendoim veio da América, do México .

R.: É mexicano, mas não foram os mexicanos que trouxeram para cá.

P.: Voltando à sua trajetória, há um regresso ao mundo do caniço. Nesse regresso, quem chega primeiro: o poeta ou o homem?

R.: Nunca poderia ser o poeta nesse tempo. O poeta aparece depois. O poeta é consequência das vivências do homem que vem para aqui. Eu entro aqui e sou “assimilado”, com todo prazer meu. Passei a viver na base do que se usava mais deste lado, que era o subúrbio.

P.: Quando o senhor veio?

R.: Lá pelos quinze anos. Nessa época, fiquei atraído por motivações como a música, o futebol. Aqui jogava-se futebol por todo lado. Onde houvesse espaço, havia futebol. Isso acontecia até na escola em que estudei, que era subsidiada completamente pela maçonaria. Havia uma escola mais perto, ligada à Igreja Católica. Mas meu pai nos mandava para lá, porque ele era maçom...

Então, quando venho para cá, para este lado, assimilo mais as coisas daqui... Se tivesse, por qualquer razão, ou mesmo na casa de banho, que cantar, lá saía: “Patrão, o machimbombo atrasou (não era o trem)/Por isso estou chegando agora/Trago aqui um memorando da capital/o machimbombo atrasou meia hora/Patrão não tem razão de me mandar embora”. Como vêem, a gente virava tudo, não sei se achincalhava. A verdade é que moçambicanizávamos todas essas coisas que apareciam aqui. Às vezes nos perguntavam como essas canções apareciam aqui, nós não sabíamos, a verdade, porém, é que apareciam. Por isso, defendo que deste lado a vivência, o comportamento era mais abasileirado do que português.

Eram muito mais serenatas no meio dos cajueiros, havia muitos cajueiros... O caju também vem de lá. Então, à noite, com as violas, nós cantávamos. Era tudo assim.

P.: E havia contatos diretos com brasileiros?

R.: Tenho a lembrança de umas duas ou três vezes em que apareceram aí uns brasileiros. Alguns eram de um barco da marinha de guerra, eram jovens, principiantes na carreira e caíram aqui porque não conseguiam entrar em contato com as pessoas dali, do que se chama de Baixa. Alguém os trouxe aqui. Ficaram encantados. Chegaram a dizer mesmo, até os oficiais disseram: “Nós saímos do barco e entramos no Brasil”.

Aqui era uma réplica do Brasil. Cantávamos canções do Brasil. Esses brasileiros até quiseram levar um violonista ao Brasil, um que era considerado, e até hoje o consideram, o melhor viola de Moçambique, um moçambicano. Era o Daíco, um músico extraordinário. Eles ficaram encantados com as pessoas, a maneira de se comportar, as festas e tudo. Mandava-se servir, comia-se, bebia-se, dançava-se. Eles diziam: “Há dois Moçambiques”. O primeiro era aquele que viram quando saíram do barco; o segundo era esse, que descobriram aqui, o subúrbio, a cidade do caniço, as casas de caniço ou de zinco, quase sempre com a cobertura de zinco. Ficaram deste lado e diziam: “Vocês estão na fronteira”. E ainda se pode ver a diferença, embora com a independência tenha havido um êxodo. Muita gente fugiu, os portugueses

abandonaram as suas casas na cidade e as pessoas vieram do subúrbio e ocuparam as casas. Isso modificou toda a cidade. Porque, como os hábitos eram muito diferentes, acabaram por rebentar com as casas todas, com os prédios... Chegaram a plantar milho no sétimo, no oitavo andar.

P.: É curioso porque percebemos uma certa degradação em muitos pontos da cidade, mas notamos também que nos subúrbios parece sobreviver um dado sentido de ordem. Em alguns casos, parece-nos mesmo que a limpeza é maior na periferia do que nas áreas em que predominam o cimento e o asfalto .

R.: Um antropólogo americano, Marvin Harris, que depois dos “programas oficiais” me vinha ver “clandestinamente”, me disse que ele havia viajado para as Índias e muitas terras e que nunca havia visto um subúrbio tão limpo como viu aqui. Espantoso! E havia aqui um hábito, que já está a morrer: logo de manhã, as mulheres estavam a varrer. Era um hábito obrigatório. As pessoas que vinham de fora ficavam pasmas quando entravam no subúrbio e viam tudo muito limpo. Esse americano ficou espantadíssimo e repetia: “Eu nunca vi um subúrbio tão limpo”.

E outra coisa que ele adorou foi assistir às refeições aqui. “Isto é que é o verdadeiro comunismo!”, dizia ele.

A comida, por menos que fosse, ou por mais que tivéssemos a comer, chegava sempre. O prato podia ser xima, não importava, era servido numa grande travessa. Servia-se a comida ali, à mão, havia uma maneira especial de comer, não era com os talheres, os talheres eram os dedos. Não se começava a comer se não estivessem todos. A maneira de comer era um pouco diferente e a comida chegava sempre, nunca havia ninguém com fome. Ele ficou encantado com essa disciplina: todos sentados, os mais velhos, os mais novos, todos sentados à volta do prato. Essas coisas são muito belas. Sob o ponto de vista de um cidadão comum, isso é um atraso, mas eu acho que não é atraso. Nunca ouvi dizer: “Fulano não comeu. Fulano levantou com fome”. Os pais diziam: “Depressa, vem comer, porque a comida tem que chegar para todos”. E chegava. Era assim.

P.: Em seus textos poéticos, há muitas referências à comida. O senhor apontaria algumas características da culinária moçambicana para quem está começando a conhecer esse país?

R.: A nossa culinária tem muitas ligações com a Índia. Muitos dos temperos, da forma de cozinhar... Aqui em Moçambique temos muito mais a ver com o Oriente do que com a outra costa...

P.: O senhor falou bastante da presença do Brasil e, agora, da Índia na cultura moçambicana. No entanto, daqui saíram muitos escravos que se espalharam por muitas terras e interferiram em suas culturas. O senhor já teve a experiência de encontrar um pouco do seu país noutros países?

R.: Quando fui a Cuba, o Fidel ia me dando essa oportunidade. Num dia, ele nos disse: “Tenho um passeio reservado para vocês: há um grupo num determinado lugar da ilha que mantém os seus hábitos e são completamente diferentes dos outros. Eles

proclamam-se moçambiques, têm seus ritos e danças”. Mostraram-nos fotografias e tudo. Mas, infelizmente, não chegamos a ir lá. Um ciclone nos fez refugiar num sítio do Presidente. Mas eu gostava muito de ter ido.

P.: A partir do Brasil, nós nos sentimos mais ligados à Costa Ocidental. Estamos mais próximos geograficamente e o tráfico conduziu para lá um número muito maior de escravos saídos daquele lado. Alguns moçambicanos, no entanto, insistem que os brasileiros devem se sentir melhor aqui do que em Angola. Sabe por que se diz isso?

R.: Porque aqui o sol nasce do lado certo (risos). Mas não é só. Nós aqui temos um comportamento diferente dos angolanos. Somos muito amigos, nos damos muito bem, mas temos um comportamento diferente. Isso aqui é mais Oriente. Antes dos portugueses, vinham aqui embarcações e caravanas, não só de indianos e árabes, como até de indonésios. De modo que quando os portugueses chegaram, encontraram em Moçambique outros que por aqui passavam. E deixaram maneiras de se vestir, no prazer, na forma de comerciar já muito diferentes. A nossa alimentação tem mais interesse, é mais rica do que a da outra costa por causa do Oriente, temos uma mistura. Temos muitos pratos em que há uma mistura da nossa culinária com a dos indianos e há a preponderância do que chamamos piri-piri. Na língua daqui é vidji-vidji.

P.: Uma das coisas que impressiona quem vem de fora e não está familiarizado com o país é o cosmopolitismo de Moçambique. Ele aparece muito na sua fala quando o senhor coloca toda a confluência de povos que houve aqui e, depois, a maneira como os intelectuais moçambicanos devoravam a literatura brasileira e a portuguesa. Mas pelo próprio fato de que vocês estão próximos de países que foram colônias inglesas, houve aqui uma relação com o jazz, com a literatura norte-americana...

R.: O jazz aqui era quase um hino religioso. O jazz perdeu-se há pouco tempo, mas havia sessões a que vinham músicos da África do Sul. Era quase uma instituição que fazia parte da nossa tradição. Principalmente entre os artistas negros havia uma competição acerca de quem ganhava entre brasileiros e norte-americanos e, até hoje, não sei realmente quem ganharia. Nós nos emocionávamos com o que acontecia com os negros na América. Além dos valores desportivos, como já me referi, os seus valores culturais tocavam-nos muito. O drama do negro americano e suas formas de resistência nos impressionavam. A música de Billie Holiday, do Dizzie Gillespie... O cinema também contou bastante. Gostávamos de ver e ouvir Count Basie e Duke Ellington. Algumas vezes víamos esses filmes antes que chegassem a Lisboa. Algumas vezes, nem lá chegavam, porque eram uma espécie de tabu, como na África do Sul. Muitos sul-africanos vinham cá vê-los.

P.: Além da paixão pela comida, que estamos constatando agora, há duas paixões evidentes: a paixão pelo esporte e a paixão pela literatura.

R.: Amigos meus me perguntam: “Como é que tu te arranjas com futebol e poesia? Não dá!”. E eu respondo que nem o futebol nem a poesia precisam de árbitros, e uma

coisa recomenda a outra. Havia dúvidas: “Como é que tu consegues? Como é que tu escreves isso se jogas futebol?”.

Havia, pois, uma corrente que não aceitava que um futebolista pudesse escrever versos. Eu sempre gostei de esportes e não via lógica em sacrificar um dos gostos só porque parecia mal. Porque eu acho que aquilo que se chama cultura física também faz parte da cultura, faz parte das vivências do homem, então eu nunca deixei.

E o desporto aparece na minha poesia porque eu também o via como uma forma de conscientização entre nós. O meu poema sobre o Joe Louis, por exemplo, pode confirmar essa posição, que era de muitos nacionalistas. O Dr. Karel Pott, que foi uma referência muito forte na minha vida, citava muitos exemplos do mundo do desporto para valorizar a nossa luta. Ele costumava citar, além do Joe Louis, o Jesse Owens. Eram homens que sabiam ganhar. E ele próprio praticou o desporto, foi o primeiro moçambicano a ir aos Jogos Olímpicos. Ele praticava atletismo e, em 1924, quando chega a Portugal, ganha e é incluído na equipe que Portugal levaria aos Jogos Olímpicos.

P.: Além do atletismo e do futebol, há outros interesses nesse campo?

R.: Sim, eu gostaria de ver mais apoio à natação. Precisávamos de piscinas e mestres para ter também bons nadadores como tivemos futebolistas. Esses Eusébios e Colunas saíram todos daqui. Este bairro é muito *sui generis*, esquisito. Portugal vinha aqui para carregar os seus craques. Os grandes jogadores portugueses em parte saíram daqui, deste bairro. O Eusébio, o Hilário, que esteve 17 anos como internacional da seleção portuguesa, o Matateu, que foi um ídolo. Eu o acompanhei até o barco e foi a única maneira de ele embarcar para Portugal. Ele tinha medo e eu lhe disse: “Vai lá” e acompanhei-o até o cais e fi-lo entrar no barco. Chegou lá de barco. Era quase um mês de viagem. Logo que chegou foi chamado para um jogo importante, marcou três ou quatro gols e nunca mais saiu da equipe. Deixaram-no jogar à vontade (risos). Jogar futebol era uma maneira de ser... Ainda hoje, se houvesse tempo, eu iria levá-los ao campo de onde saíram essas estrelas.

P.: Mas nós voltamos (risos).

R.: É uma das coisas que gosto de mostrar. Não gosto de mostrar estas palhotas, gosto de mostrar justamente ali o campo de onde está o verdadeiro povo, e o campo ainda lá está, o campo de onde eles saíram lá está, e o atletismo também. Praticávamos o atletismo aqui... (risos)

P.: A Mafalala é, sem dúvida, um bairro mitológico nesta cidade.

R.: Uma coisa de que as pessoas ficam espantadas é que o nosso bairro é tão diferente que até fizemos dois grandes toureiros. Os jovens vinham ver touradas na Praça de Touros e começaram a brincar. Foram para Portugal. Um deles, o Ricardo Chibanza, tem uma fortuna num cofre. Picasso ouviu falar de um toureiro negro, coisa inconcebível, e fez questão de ir ver uma corrida onde ele ia atuar. Ficou tão encantado que esperou por ele, levou-o à sua casa e ofereceu-lhe um trabalho, um original. Chibanza tinha-o pendurado, não sei onde nem quando o avisaram: “Olhe, cuidado. Isso é um Picasso!” e explicaram-lhe o que isso significava em termos

financeiros. Agora está numa casa-forte. Temos aqui (na Mafalala) todas as variedades. Até poetas! (risos)

P.: Aliás, havia aqui na Mafalala uma espécie de microclima favorável à defesa de valores diferentes daqueles que definiam a sociedade colonial.

R.: Sem dúvida. Havia aqui uma atmosfera de tolerância e de muito boa convivência entre muitos grupos do país. Os muçulmanos, que tinham alguns problemas em seguir suas práticas religiosas noutras partes da cidade, aqui eram bem acolhidos. E isso num ambiente disponibilizado para as festas, como já falei.

P.: Esse ambiente combinava com a chamada militância dos escritores e outros artistas. Era um pouco a partir daqui que vocês “conspiravam”, não?

R.: É verdade. Aqui a convivência abria-se às pessoas que gostavam da terra, das pessoas e sonhavam com mudanças. E a literatura misturava-se a tudo isso.

P.: Muitos escritores moravam por aqui?

R.: Como eu já disse, daqui saíram até poetas... O Rui de Noronha vivia numa casa aqui perto. Ele trabalhava no Caminho de Ferro e todo dia eu o via passar. Era bem mais velho que eu, mas conversávamos. Ele, a me tratar por miúdo, estimulava-me a continuar com a literatura. Ele chegou a ser o chefe de redação do **Brado Africano**, um jornal muito importante para o nacionalismo moçambicano. Eu o vi por lá, e sempre o vi como um homem triste. Um personagem muito curioso...

P.: E a Noémia de Sousa?

R.: A Noémia passou grande parte da infância na Catembe, que fica do outro lado da baía. Mas depois veio para Lourenço Marques, onde estudou. E vivia aqui perto. A sua casa tinha um bom quintal, ainda está lá, com as árvores... Era lá que nos reuníamos muitas vezes, à noite. Nossa amizade se consolidou no **Brado Africano**, onde eu fiquei como permanente na redação. Ela trabalhava em um escritório, mas colaborava com o jornal. Ficamos muito amigos, com- partilhávamos preocupações e sonhos. Até escrevemos juntos um manifesto. Outras pessoas estavam sempre envolvidas nesses encontros: o Rui Nogar, o Ricardo Rangel, o Fonseca Amaral, que, depois, foi para Portugal e de lá enviava colaboração para o **Brado Africano**.

Na casa da Noémia, fazíamos as nossas reuniões. O Fonseca Amaral, que era uma pessoa muito rara, proporcionou um encontro especial entre os chamados poetas do cimento e os poetas do subúrbio. Foi nessa reunião que o Rui Knopfli conheceu o Daíco. Lá estiveram, além do Knopfli, o Rui Guedes e o Rui Guerra, que hoje vive no Brasil. Essa noite foi muito marcante, como se tivéssemos descoberto a chance de estarmos juntos, os da Polana, o bairro mais distanciado socialmente, e os do subúrbio. O Fonseca Amaral, que conhecia os dois lados, foi o responsável pelo encontro. E as pessoas de lá, que conheciam tanta coisa sofisticada, ficaram encantadas quando ouviram o Daíco e o Chico Albasini a tocar e dançar.

P.: Tudo isso está na história da formação do sentimento nacional. O senhor acaba de citar grandes personagens dessa fase da história de Moçambique.

R.: Era uma fase de grande inquietação. Estávamos ligados pela vontade de mudar. Tínhamos consciência da injustiça que dividia essa sociedade. Havia atividades culturais promovidas pela Associação Africana, fundada por negros e por mestiços e frequentada pelos Albasinis, pelo Karel Pott, por toda essa gente que tinha um nível mais elevado de instrução. A associação era um lugar onde se discutia o que era ser africano, o que era ser moçambicano.

P.: O papel dessa intelectualidade mestiça foi, então, muito importante para a formação do nacionalismo.

R.: Foi, com certeza. O Dr. Karel Pott foi um homem notável. Nos seus discursos, enfatizava a questão da africanidade, levantava argumentos ligados a isso que, depois, se chamou Negritude. Foi o primeiro advogado mulato. E causou um grande impacto na cidade quando voltou de Portugal. O pai dele era o cônsul da Holanda aqui, e era um comerciante muito rico, dono de muitas propriedades na cidade. A mãe era uma senhora negra, que usava capulanas. Pois quando ele regressou a Lourenço Marques, por volta de 1940, foi buscar a mãe num carro descapotável. E deu a volta à cidade tendo essa senhora de capulana ao seu lado. Causou um grande escândalo. A cidade entendeu aquilo como uma provocação.

P.: Como o senhor avalia a negritude? Nesse ambiente mestiço ela também foi relevante?

R.: Penso que foi. Essa mestiçagem, sempre que identificada com o universo negro, era marginalizada. A opressão dava para todos. Mas às vezes fico baralhado. E não aceito a defesa da negritude como uma atitude racista. Só considero como racismo se uma pessoa afirma: “Tenho orgulho de ser negro”. Isso pode ser visto como uma forma de se achar mais. Acho que uma pessoa deve exaltar a sua cor para ser igual, não para ser superior. É preciso compreender que posso ser negro e belo, que não preciso copiar o branco para ser aceito. Essa é ainda uma grande confusão que uma pessoa encontra aqui em África.

P.: Apesar dessa expressão da negritude, o seu grupo era integrado por muitos brancos. Não havia aqui uma segregação total, como houve em outros lugares.

R.: Havia muitos racistas, muitas práticas racistas, mas havia também gente, de muitos lados e cores, que se posicionavam contra o preconceito. Desse grupo que se reunia aqui na Mafalala e em outros lugares como o Café Scala, que fica na Baixa, participavam brancos, inclusive nascidos em Portugal. Muitos portugueses antifascistas influenciaram a nossa formação. Posso citar o Cansado Gonçalves, o Cassiano Caldas, o Augusto dos Santos Abranches. E não podemos esquecer que o Rui Nogar, um dos poetas moçambicanos que se formou nesse ambiente, também era branco. Outro nome de moçambicano aparentemente branco é o do João Mendes, um grande nacionalista que andou sempre metido com a gente em muitas confusões.

P.: E sabemos que o José Craveirinha é uma espécie de régulo deste bairro. A leitura da sua obra leva-nos a conhecer um pouco da mitologia que explica a magia deste lugar. Mas a sua relação com o universo literário começa antes.

R.: Eu, muito novo, folheava Victor Hugo, lia Eça de Queirós, Zola, gostava muito da poesia de Antero de Quental e, principalmente, Guerra Junqueira, que o meu pai gosta de declamar. Ele também dizia o Camões todo. Essa vivência foi muito importante para despertar o gosto pela leitura. Ainda tenho aí o Soeiro Gomes daquele tempo. Os neo-realistas tiveram muita repercussão aqui. Mas depois veio aquela avalanche de brasileiros: **O cacau** e **O suor**, do Jorge Amado, o **Jubiabá**... Eu era um dos grandes fãs da Rachel de Queiroz. Eu e muitos, todo o grupo. Íamos para a Livraria Spanos esperar pelo **O Cruzeiro**, ansiosos pela crônica da Rachel. Quando soube que ela tinha sido contemplada com o Prêmio Camões, fiquei emocionado. Essa livraria importava livros portugueses e brasileiros, inclusive aqueles livros que estavam no índice para serem apreendidos. Às vezes, essas proibições atingiam até as revistas se considerassem que havia matérias impróprias para os moçambicanos. Recordo-me do David Nasser, das suas reportagens contundentes e de um livro seu chamado **Falta alguém em Nuremberg**.

P.: Essas leituras estão na base de sua formação como escritor. Como é que o poeta José Craveirinha vê a poesia?

R.: Aprendi muita coisa com esses escritores, que se tornaram meus companheiros. A poesia foi sempre para mim um instrumento, uma ferramenta de reivindicação. Os meus poemas têm sempre uma dimensão social, sociopolítica. Mesmo quando falo de coisas como flores... É também um refúgio para minhas dores pessoais.

P.: Mas, além do desporto e da poesia, sei que há outras paixões na sua vida. Estou dizendo das paixões publicáveis... (risos). Por exemplo, o jornalismo chegou a ser uma paixão?

R.: Paixão e a primeira profissão. Fui primeiro jornalista e, depois, como jornalista passei a ser funcionário de Estado. Saí do **Notícias** para a Imprensa Nacional e tive umas querelas com os doutores do Conselho Legislativo.

Fiz umas emendas nos textos que vinham das sessões de lá. Chamei a atenção: pus um ponto de interrogação e sugeri uma palavra. Uh!! O que eu ouvi! Perguntaram: “Quem é que revisou aquele texto assim assim?” “O Craveirinha”. E o outro disse então: “Craveirinha, atende aí o telefone”. Era um doutor a perguntar se eu tinha mexido no seu texto e que me disse: “Quero avisar que não torna mais a mexer nos meus textos; eu não admito que o faça...”. Eu disse: “Desculpe, mas não se zangue comigo e sim com a legislação; não posso deixar um texto ser publicado num órgão do governo com palavras que não são portuguesas!”. “Não são portuguesas? O que está a dizer?”. “É verdade, essa palavra ‘constatou’ (lembro-me da palavra) não é portuguesa, (pelo menos) ainda não é portuguesa. Só quando o léxico institucionalizar essa palavra é que será considerada portuguesa; por enquanto ainda não é”. A coisa foi e, após algum tempo, voltou com uma nova anotação dizendo “pode ficar” e recebo um telefonema do Conselho Legislativo. Era o mesmo sujeito: “Foi o senhor que emendou um texto meu, assim e assim?”. “Fui eu mesmo”. “A partir de agora está autorizado. Temos muito serviço e não temos tempo para ver bem tudo. Então...”. Fui autorizado a emendá-los. Num caso, emendei “sucesso” por “êxito” e disseram: “Foi ele que pôs? Deixe ficar”. E assim eu estive na Imprensa Nacional.

Depois houve o que houve. Saí daí e fui para um outro lugar nacional e estive lá quase quatro anos. Tinha a “alcunha” de cadeia (risos).

P.: O senhor contaria um pouco dessa experiência tão dura?

R.: Lá estive eu na engorda, sem fazer nada. Eu e os amigos também, tão poetas no sentido negativo como eu: por exemplo, Rui Nogar e Malangatana. Só que o Malangatana é para mim um caso muito especial. Estivemos na mesma cela. Quando fui para essa cela, era uma cela de castigo, já pequena para mim sozinho; meteram então o Rui, e ficou menor ainda; depois, incrivelmente, ainda coube lá o Malangatana. Desde então, o que me espanta no Malangatana não são os seus quadros: é que ele conseguiu engordar lá dentro (risos). Depois, deve ter havido muito poucos revolucionários na história iguais ao Malangatana. Cantava, assobiava, dormia: mas que grande paz de consciência é essa? (Risos). Cantava, dançava e tal e depois dormia com uma “paz d’alma”, o que era uma inveja, pois eu não conseguia dormir e fui até internado no hospital por causa disso. Avisaram um médico da instituição que olhava por nós (chamava-se Pita). Disseram-lhe: “Há um prisioneiro que não dorme” e o médico foi peremptório: “Ou o pomos a dormir ou tem de sair dali, pois, se continua sem dormir, pode morrer”. Então não tinha sono, muito menos com o Malangatana a rressonar: havia uma antítese! A cela estremecia: como é que esse indivíduo consegue dormir, sabendo que vai ser julgado? Para nós era um ponto de interrogação o que ia acontecer no julgamento. Então me levaram de lá e me puseram num hospital e tomei injeções na cabeça. Depois transferiram-me para um hospital militar.

E lá ia arrançando outro problema porque puseram outros soldados “corrécios”, como eu chamo àqueles que não se “corrigem”, e eu ia sendo julgado outra vez. Apareceram nas Nações Unidas umas fotografias de soldados portugueses a abrirem os ventres de mulheres grávidas, e essas fotografias estiveram nas minhas mãos e consegui passá-las cá para fora. Então foram ter com os soldados que estavam lá e deduziram que tinha sido eu o responsável e, portanto, deveria ir a julgamento. Mas depois chegaram à conclusão de que era mau, publicitariamente era mau.

Finalmente, saímos da cadeia e, depois, veio a Independência. A Independência dá a sensação de liberdade, de se estar bem... e, com uns pontapés à mistura, cá estou. Há coisas que a gente ama e que são parte de uma determinada escolha, e nunca pensamos que pode haver qualquer coisa de mais negativa ainda que o chamado colonialismo. Porque hoje andam aí pelas ruas grande parte daqueles que de fato lutaram, mas os que estão nas cadeiras são precisamente aqueles que não lutaram. E que engordam desavergonhadamente. E a gente olha e fica triste, mas paciência.

Acho que se cumpriu e que cada um anda pelos caminhos da história que o destino lhe reservou e cá estou eu e faria tudo igual se se repetisse. Uma pessoa não tem juízo.

P.: Juízo atrapalha.

R.: Fico admirado quando vou a Portugal e eles me fazem uma homenagem... Há qualquer coisa que não bate bem: ou eu ou eles! Uma das mais importantes comendas de Portugal foi concedida a mim. Depois de tudo, toda a comenda que eu deveria receber de Portugal era uns pontapés no rabo, mas não uma comenda. Ora, isso faz com que duvidemos um pouco de nós próprios e ao mesmo tempo retira um determinado ônus de cima da cabeça dos portugueses.

P.: Há uma frase sua que acho deliciosa. Não sei se o senhor se lembra de ter dito, em Luanda, em 1994, que depois da Independência o governo andou a nacionalizar tantas coisas que deveria ter nacionalizado Camões.

R.: O Camões teve sua passagem por aqui. E lamento que se tenha deixado degradar o lugar em que ele viveu. Isso foi uma injustiça. Deve-se visitar a Ilha de Moçambique para ter a noção de duas sensações simultaneamente: a sensação de admiração e a sensação de tristeza, pela maneira como se deixaram estragar coisas importantes. Não houve o cuidado de se preservar certas coisas que são tesouros, são relíquias.

P.: A Ilha é uma espécie de lugar sagrado para muitos poetas moçambicanos. Na poesia de poetas tão diversos como Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim, Alberto de Lacerda e Eduardo White, para citar só alguns, ela é recorrente em imagens que se multiplicam .

R.: Uma coisa que considero exemplar é a osmose entre católicos e muçulmanos. Todos dão-se bem sem nenhuma diferença: um é católico, o outro é muçulmano, mas dão-se perfeitamente; não há litígio, não há nada. Acho que isso deveria servir a alguns desses potentados que andam por aí a inventar guerras e a matar crianças, tudo em nome de uma religião. É uma coisa espantosa. Talvez tenha sido por a ilha ser tão pequena que não dava para haver ódio entre as pessoas (risos). Não dava; estavam sempre juntos e então não dava para se criarem ódios. Deve ter sido por isso, não sei!

É bom conhecer Moçambique de norte a sul e de sul a norte, pois são várias as faces do meu país.

NOTAS

¹ Entrevista realizada por Omar Thomaz e Rita Chaves, com a participação de Cris Bierrembach. Agradecemos a Célia Marinângelo (USP) o esforço e disponibilidade na transcrição da fita e todo o apoio de José Luís Cabaço. Originalmente publicada em *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 415-425, 1º sem. 2003.

ⁱ Doutor. Professor, Departamento de Antropologia (UNICAMP).

ⁱⁱ Doutora em Letras pela USP, é professora associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Foi professora visitante na Yale University, em 1996/1997, e na Universidade Eduardo Mondlane, entre 1998 e 2004. Tem dois estágios de pós-doutoramento na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Integra o conselho curatorial do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e o conselho editorial das revistas *Via Atlântica* e *Mulemba*. É autora de *A formação do romance angolano* e *Angola/Moçambique: experiência colonial e territórios literários*.